

A ATUALIDADE DE SANTO TOMÁS DE AQUINO NO MAGISTÉRIO DE JOÃO PAULO II*

D. Álvaro del Portillo – Antigo Prelado do Opus Dei.

Resumo: A obra filosófica e teológica de Santo Tomás prestou um grandioso serviço a toda a Igreja. João Paulo II, em diversas ocasiões, expressou a gratidão e o reconhecimento que lhe são devidos por justiça e, como já tantas vezes fizeram seus predecessores, convidou aqueles que cultivam as ciências sagradas, e também outros estudiosos, a dirigirem seus próprios passos sobre o caminho sólido e seguro traçado pelo Aquinate.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, João Paulo II, Tomismo, Magistério da Igreja.

Abstract: St. Thomas Aquinas's philosophical and theological work has been of enormous service to the entire Church. John Paul II has on several occasions expressed the gratitude and recognition owed in justice to Aquinas and encouraged, as his predecessors had done many times before, those who cultivate the sacred sciences (as well as other scholars) to guide their own steps by the sound and safe path outlined by Aquinas.

Keywords: Thomas Aquinas, John Paul II, Thomism, Magisterium of the Church.

A obra filosófica e teológica de Santo Tomás prestou um grandioso serviço a toda a Igreja. João Paulo II, em diversas ocasiões¹, expressou a gratidão e o reconhecimento que lhe são devidos por justiça e, como já tantas vezes fizeram seus predecessores, convidou aqueles que cultivam as ciências sagradas, e também outros estudiosos, a dirigirem seus próprios passos sobre o caminho sólido e seguro traçado pelo Aquinate.

* Conferência de Mons. Álvaro del Portillo, Prelado do Opus Dei, na abertura do IX Congresso Tomista Internacional sobre Santo Tomás de Aquino. Agradecemos à *Romana* – Boletín de la Prelatura de la Santa Cruz y Opus Dei, nº 11, Luglio-Dicembre 1990, pagina 222 [<http://www.romana.org/art/11/3.5/1>], por autorizar sua publicação na www.aquinate.net. Este texto foi traduzido do italiano por Daniel Nunes Pêcego. [Nota do tradutor: esta conferência foi proferida em 1990; desde então, houve novas manifestações do Papa João Paulo II sobre a vida e a obra de Santo Tomás; certamente a mais expressiva é a plena acolhida da filosofia tomista pela Carta Encíclica *Fides et Ratio*, publicada em 1998.

¹ Recordamos, dentre outras, a visita do Santo Padre ao Angelicum, em 17 de novembro de 1979, para comemorar o centenário da Encíclica *Aeterni Patris*, a Audiência concedida em 13 de setembro de 1980 aos participantes do VIII Congresso Tomístico Internacional, a Audiência concedida ao Comitê promotor do Index thomisticus, em 28 de março de 1981 e a Audiência concedida em 4 de janeiro de 1986 aos participantes do Congresso Internacional sobre a doutrina de Santo Tomás acerca da alma, organizado pela “Sociedade Internacional Tomás de Aquino”.

Já em 1980, na audiência concedida aos participantes do VIII Congresso Tomístico Internacional, o Papa podia afirmar que “desde os inícios do meu Pontificado não deixei passar ocasião propícia sem recordar a excelsa figura de São Tomás como, por exemplo, na minha visita à Pontifícia Universidade *Angelicum* e ao *Institut Catholique* de Paris, na alocução à UNESCO e, de modo explícito ou implícito, nos meus encontros com os Superiores, professores e alunos das Pontifícias Universidades Gregoriana e Lateranense”².

Mas é também justo reconhecer que o Santo Padre sublinhou a atualidade da doutrina de Santo Tomás trazendo, com acentos novos e adequados às nossas circunstâncias culturais, um conjunto de razões filosóficas e teológicas que renovam e enriquecem o reconhecimento com o qual a Igreja acolheu o pensamento do Doutor Angélico.

João Paulo II desenvolveu tal obra com o claro intento de pôr em prática as disposições do Vaticano II. É o que dizia em 1979: “As palavras do Concílio são claras: na íntima ligação com o pensamento cultural do passado, e em particular com o pensamento de São Tomás, viram os Padres um elemento fundamental para a adequada formação do clero e da juventude cristã e, portanto, em perspectiva, uma condição necessária para a desejada renovação da Igreja. Não é caso de inculcar aqui a minha vontade de dar plena execução às disposições conciliares, uma vez que nesse sentido já me pronunciei explicitamente na homilia de 17 de Outubro de 1978, no dia seguinte à minha eleição para a Cátedra de Pedro e depois repetidas vezes”³.

Dividirei esta minha conferência em cinco seções: 1) Espírito de abertura e fidelidade à voz do ser; 2) A fidelidade à voz da Igreja; 3) A filosofia do ato de ser; 4) Antropologia filosófica e Cristologia; 5) O caminho ainda a percorrer.

1. ESPÍRITO DE ABERTURA E FIDELIDADE À VOZ DO SER.

Uma das características pelas quais a filosofia de Santo Tomás “merece atento estudo e aceitação convicta”⁴ é, segundo João Paulo II, o “seu espírito de abertura e de universalismo, característica que é difícil de encontrar em muitas correntes do pensamento contemporâneo. Trata-se da abertura ao conjunto da realidade em todas as suas partes e dimensões, sem reduções ou particularismos (sem absolutizações de aspectos singulares), assim como é

² JOÃO PAULO II. *Discurso*, 13 de setembro de 1980. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, III, 2 (1980), p. 605.

³ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, II, 2 (1979), p. 1183.

⁴ *Ibid.*

exigido da inteligência em nome da verdade objetiva e integral, concernente à realidade”⁵.

O Aquinate manifesta em suas obras uma atitude de “grande respeito (...) pelo mundo visível, que é obra e, portanto, vestígio e imagem de Deus Criador”⁶, um “vivíssimo sentido de fidelidade à verdade, que pode também se dizer realismo. Fidelidade à voz das coisas criadas, para construir o edifício da filosofia; fidelidade à voz da Igreja, para construir o edifício da teologia”⁷.

Tal abertura à realidade inteira, tão necessária nesta época em que abundam as visões reducionistas do homem, “tem o seu fundamento e sua fonte no fato de que a filosofia de Santo Tomás é filosofia do ser, isto é, do “actus essendi”⁸. Esta filosofia – diz sugestivamente João Paulo II – pode ser realmente chamada filosofia da proclamação do ser, o canto em honra ao existente”⁹.

A atenção ao ser das criaturas, longe de se afastar da realidade concreta, nos introduz nela para contemplá-la, para estudá-la e para orientar o nosso agir. Segundo o Santo Padre, da visão sobre o ser “a filosofia de Santo Tomás deduz a sua capacidade de acolher e de afirmar tudo o que se apresenta diante do intelecto humano (o dado de experiência, no sentido mais amplo) como existente determinado em toda a riqueza inexaurível do seu conteúdo; ela origina, em particular, a sua capacidade de acolher e de afirmar aquele ser, que está em condição de conhecer a si mesmo, de se maravilhar em si e, sobretudo, de decidir por si e de forjar a própria irrepetível história...”¹⁰.

Com o olhar voltado para o progresso científico característico do nosso século, o Santo Padre afirma que justamente por causa da fidelidade à voz do ser, Santo Tomás pode ser considerado “um autêntico pioneiro do moderno realismo científico, que faz as coisas falarem, mediante o experimento empírico, mesmo se o seu interesse se limita a fazê-lo falar do ponto de vista filosófico. Antes, é de se perguntar se não é justamente o realismo filosófico que, historicamente, estimulou o realismo das ciências em todos os seus setores”¹¹.

Com estas palavras, João Paulo II faz uma ponte entre ciência e filosofia para superar as recíprocas incompreensões, indo à raiz comum de ambos os tipos de saber: o *realismo*. O discurso racional e científico que segue a “lógica

⁵ *Ibid.*, pp. 1183 e 1184.

⁶ *Ibid.*, p. 1181.

⁷ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 607.

⁸ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1184.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Discurso*, 13 de março de 1980. Cit., p. 607.

do ser” é particularmente necessário hoje, “quando em muitas partes se lamenta justamente a falta de comunicação entre as várias ciências e a perda da unidade do saber”¹². O diálogo interdisciplinar, tão desejado nos ambientes universitários e tão necessário para superar a fragmentação da cultura e a sua separação da Fé, encontra aqui um fundamento seguro.

Dentro da temática da situação cultural contemporânea, João Paulo II aborda uma outra questão capital: aquela da historicidade do homem e da cultura, que tanto incide sobre a filosofia e sobre a teologia atuais e à qual se aplicaram tantos pensadores do nosso século. Não falta quem veja a teologia elaborada em harmonia com a filosofia do ser como estranha ou contrária à historicidade. O Papa responde a tais inquietudes afirmando que o “realismo, bem longe de excluir o senso histórico, cria as bases para a historicidade do saber, sem fazê-lo decair na frágil contingência do historicismo, hoje largamente difundido”¹³.

Tal sentido histórico é evidente no Aquinate que, mesmo afirmando que há uma só Sabedoria absoluta, admite que existam muitos sábios que dela participam¹⁴. A Verdade suma que refulge no criado é recebida na mente humana em graus diversos e de modo limitado. Por isso, “depois de ter dado a precedência à voz das coisas, Santo Tomás se põe em respeitosa escuta do que disseram e dizem os filósofos, para avaliá-los, colocando-se em confronto com a realidade concreta. *Ut videatur quid veritatis sit in singulis opinionibus et in quo deficient. Omnes enim opiniones secundum quid aliquid verum dicunt (I Dist., 23, q. 1, a. 3)*”¹⁵. Disto, com sensibilidade vivamente atual, o Papa encontra uma aplicação sempre válida e hoje ainda mais necessária na pesquisa científica, afirmando que “esta presença da verdade, mesmo parcial e imperfeita e às vezes distorcida, é uma ponte, que une todos os homens aos outros homens e torna possível o acordo quando há boa vontade”¹⁶.

João Paulo II gosta de evidenciar que Santo Tomás “sempre dedicou respeitosa escuta a todos os autores, também quando não podia compartilhar inteiramente das opiniões; também quando se tratava de autores pré-cristãos ou não-cristãos, como por exemplo, os comentaristas árabes dos filósofos gregos”¹⁷. Destes põe igualmente em relevo o “otimismo humano” quando, frente à linguagem obscura e imperfeita dos primeiros pensadores gregos,

¹² *Discurso*, 28 de março de 1981. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IV, 1 (1981), p. 797.

¹³ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 607.

¹⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Super Iob*, I, lect. 1, n. 33.

¹⁵ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 607.

¹⁶ *Ibid.*, p. 608.

¹⁷ *Ibid.*

observa mais as suas intenções que o teor literal das expressões lingüísticas¹⁸. A mesma postura do Doutor Angélico se manifesta no estudo dos grandes Padres e dos Doutores da Igreja: ele procura sempre encontrar o acordo, mais na plenitude da verdade que possuem como cristãos, do que no modo, diverso do seu, com que se exprimem¹⁹. Tudo isto naturalmente não o impedia “de ser sinceramente crítico, toda vez que sentia dever fazê-lo, e o fez corajosamente em muitos casos”²⁰.

Pela capacidade de acolher o que de verdade se encontra em qualquer doutrina, o pensamento de Santo Tomás constitui um elemento de união, nunca de divisão, e possui uma “profunda ‘eclesialidade’” que o torna livre de limitações, caducidade e fechamentos e extremamente aberto e disponível a um progresso indefinido, capaz de assimilar todo novo autêntico valor emergente na história de qualquer cultura²¹: “toda compreensão da realidade – que efetivamente reflita esta realidade – possui pleno direito de cidadania na ‘filosofia do ser’²², independentemente de quem a tenha proposto. Daí João Paulo II tira a conclusão de que “as outras correntes filosóficas, portanto, se se as observa deste ponto de vista, podem, ou melhor, devem ser consideradas como aliados naturais da filosofia de Santo Tomás e como parceiras dignas de atenção e de respeito no diálogo que se desenvolve na presença da realidade”²³.

As considerações lembradas levam João Paulo II a conceder a Santo Tomás o novo título de *Doctor Humanitatis*, que constitui o tema central deste congresso: “Este método realista e histórico, fundamentalmente otimista e aberto, faz de Santo Tomás não apenas o *Doctor Communis Ecclesiae*, como o chama Paulo VI, na sua bela Carta *Lumen Ecclesiae*, mas o *Doctor Humanitatis*, porque sempre pronto e disponível a receber os valores humanos de todas as culturas”²⁴.

2. A FIDELIDADE À VOZ DA IGREJA.

É este um fio condutor dos louvores dirigidos a Santo Tomás pelos Romanos Pontífices há cerca de sete séculos. Também João Paulo II a eles se une com novos acentos, adequados às circunstâncias atuais.

¹⁸ Cfr. *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Discurso*, 4 de Janeiro de 1986. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IX, 1 (1986), p. 23.

²² *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1185.

²³ *Ibid.*, pp. 1185 e 1186.

²⁴ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 609.

A propósito de tal fidelidade a primeira característica evidenciada pelo Papa é “aquela de ter professado um pleno obséquio de mente e de alma à divina Revelação (...). Como seria profícuo à Igreja de Deus – prossegue João Paulo II – que também hoje todos os filósofos e teólogos católicos imitassem o sublime exemplo dado pelo *Doctor communis Ecclesiae!*”²⁵.

O Aquinate professou, além disso, por toda a vida uma “sincera e total adesão (...) nos confrontos do Magistério da Igreja”²⁶, uma “fidelidade à voz da Igreja”²⁷, que se reflete também em sua afirmação: *Magis standum est auctoritati Ecclesiae... quam cuiuscumque Doctoris*²⁸. O Santo Padre, comentando a frase citada, observa que “aqui a autoridade da doutrina do Aquinate se esclarece e se atualiza na autoridade da doutrina da Igreja. Eis porque a Igreja o propôs como modelo exemplar da pesquisa teológica”. E acrescenta que a postura de Santo Tomás, que antepondo a voz da Igreja universal à voz dos doutores e à sua própria voz, quase antecipa a afirmação do Concílio Vaticano II: “A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Espírito Santo não pode enganar-se na fé”²⁹. “Quando o Romano Pontífice, ou o corpo episcopal juntamente com ele, define uma doutrina, fá-lo em harmonia com a revelação, à qual todos devem obedecer e conformar-se”³⁰. Ora, o Doutor Angélico – prossegue João Paulo II – não limitou “o obséquio de sua mente apenas ao Magistério solene e infável dos Concílios e dos Sumos Pontífices”³¹. E novamente o coração do Papa se mostra nestas palavras: “Fato este muito edificante e digno também hoje de ser imitado por quantos desejam conformar-se à Constituição Dogmática *Lumen gentium* (cfr. n° 25)”³².

Uma outra conseqüência da fidelidade de Santo Tomás à voz da Igreja foi “o ter ele posto os princípios dos valores universais, que regem a relação entre razão e fé”³³. Frente às repetidas tentativas de sustentar uma presumida incompatibilidade entre fé e ciência, a harmoniosa doutrina do Aquinate sobre a convergência de ambas constituiu um claro ponto de referência, especialmente no Concílio Vaticano I que tratou da questão *de fide et ratione* frente “às correntes filosóficas e teológicas inquinadas do racionalismo dominante”³⁴.

²⁵ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1180.

²⁶ *Ibid.*, p. 1181.

²⁷ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 609.

²⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh.* II-II, q. 10, a. 12.

²⁹ *Lumen gentium*, n. 12.

³⁰ *Lumen gentium*, n. 25.

³¹ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1181.

³² *Ibid.*

³³ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 610.

³⁴ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1179.

Na doutrina do Doutor Angélico há um maravilhoso equilíbrio entre fé e razão, que se distinguem e ao mesmo tempo convergem. “Pesquisa filosófica e pesquisa teológica são duas diversas direções da marcha da única verdade, destinadas a se encontrarem, não a se desencontrarem, sob a mesma via, para se ajudarem. Assim, a razão iluminada, fortalecida, garantida pela fé, se transforma numa fiel companheira da fé mesma e a fé alarga imensamente o horizonte limitado da razão humana. Sobre este ponto – exclama João Paulo II – Santo Tomás é verdadeiramente um mestre que ilumina”³⁵. Disso é prova o fato de que o Papa tenha querido recordar em um de seus discursos que estamos comentando o n° 10 da Declaração *Gravissimum educationis*, que diz: “(...) indagando acuradamente as novas questões e pesquisas postas pela época que se desenvolve, se colha claramente como Fé e Razão se encontram na verdade única, segundo as pegadas dos Doutores da Igreja, especialmente de Santo Tomás de Aquino”³⁶.

A harmonia e a colaboração entre saber filosófico e teológico não elimina as diferenças entre as duas. Com grande equilíbrio e realismo João Paulo II recorda que enquanto a fé goza da segurança absoluta da autoridade divina, “também a melhor filosofia, aquela de estilo tomista, que Paulo VI bem definiu como ‘filosofia natural da mente humana’, dócil à escuta e fiel no exprimir a verdade das coisas, é sempre condicionada pelos limites da inteligência e da linguagem humana”³⁷.

Há uma diferença de método e de fundamento, mas, adverte o Papa, também a filosofia deve elevar o homem até Deus: “Por Santo Agostinho, *verus philosophus est amator Dei (De Civitate Dei, VIII, 1: PL 41, 225)*. Santo Tomás, fazendo-lhe eco, diz, em outras palavras, a mesma coisa: *Fere totius philosophiae consideratio ad Dei cognitionem ordinatur (Contra Gentiles, I, 4, n. 23)*”³⁸. Nesta filosofia são inseparáveis o amor da verdade e do bem. João Paulo II quer repelir a falsa idéia de Santo Tomás como “frio intelectualista”, quando ele na realidade “explica o mesmo conhecer como amor à verdade, quando põe como princípio de toda consciência: *verum est bonum intellectus (Ethic., I, lect. 12, n.139)*. Portanto, o intelecto foi feito para a verdade e o ama como seu bem conatural. E posto que o intelecto não se satisfaça com nenhuma verdade parcial conquistada, mas tende sempre para além, o intelecto tende para além de toda verdade particular e é naturalmente estendido à Verdade Total e Absoluta que, em concreto, não pode ser outra que não Deus (...). Toda a filosofia e a teologia de Santo Tomás não estão situadas fora, mas dentro do

³⁵ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 610.

³⁶ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1183.

³⁷ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 611.

³⁸ *Ibid.*

célebre aforismo agostiniano: *Fecisti nos ad Te; et inquietum est cor nostrum, donec requiescat in Te* (*Confessiones*, I, 1)³⁹. Se nos referimos à teologia, então o Aquinate se transforma, não menos que São Boaventura e São Bernardo, em um cantor do primado da caridade⁴⁰.

O Papa recorda que “antes que a metodologia técnica de um mestre, a sua foi a metodologia do santo, que vive em plenitude o Evangelho, no qual a caridade é tudo (...). O gigantesco esforço intelectual deste mestre do pensamento foi estimulado, sustentado, orientado por um coração cheio de amor por Deus e pelo próximo. *Per ardorem caritatis datur cognitio veritatis* (*In Io. Ev.*, XV, 6). São palavras emblemáticas que deixam entrever, por trás do pensador capaz dos vôos especulativos mais ousados, o místico habituado a atingir diretamente na fonte mesma de toda verdade a resposta às invocações mais profundas do espírito humano. Não confessou, de resto, ele mesmo de não ter escrito nem jamais lecionado sem antes recorrer à oração?”⁴¹.

3. A FILOSOFIA DO ATO DE SER.

Inevitavelmente, já fizemos algumas referências à filosofia de Santo Tomás. Queremos agora evidenciar como João Paulo II, conhecendo os aprofundamentos realizados especialmente neste século por insignes estudiosos, caracteriza a filosofia do Aquinate como “filosofia do *essere*, isto é, do *actus essendi*”⁴², indicando desse modo o núcleo do seu pensamento.

Na afirmação do ser, o Papa vê a “auto-justificação metodológica” da filosofia de Santo Tomás como “disciplina irreduzível a qualquer outra ciência”⁴³ e conjuntamente o fundamento do posto peculiar que ela ocupa no campo total das ciências, que consiste no “transcender-lhes a todas se pondo em seus confrontos como autônoma e ao mesmo tempo como complemento delas em sentido substancial”⁴⁴.

Também a contemplação do ser se revela hoje vivamente necessária, já que o valor transcendental do ser “é a via mais direta para elevar-se à consciência do Ser subsistente e Ato puro, que é Deus”⁴⁵. Daqui a filosofia de Santo Tomás deduz “a possibilidade e ao mesmo tempo a exigência de ultrapassar tudo o que é oferecido diretamente à consciência enquanto

³⁹ *Ibid.*, pp. 611 e 612.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 612.

⁴¹ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1188.

⁴² *Ibid.*, p. 1184.

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ *Ibid.*

existente (o dado de experiência) para alcançar o *ipsum Esse subsistens* e conjuntamente o Amor criador, no qual encontra a sua explicação última (e por isso necessária) o fato que *potius est esse quam non esse* e, em particular, o fato de nós existirmos...”⁴⁶. Com isso, esta filosofia responde adequadamente à interrogação metafísica contemporânea formulada pela pergunta: por que o ser e não, ao contrário, o nada?

A via metafísica para Deus se revela particularmente adaptada para alcançar a Deus exatamente como criador, já que, como diz o Doutor Angélico: “*Ipsum enim esse est communissimus effectus, primus et intimior omnibus aliis effectibus; et ideo soli Deo competit secundum virtutem propriam talis effectus* (De Potentia, q. 3, a. 7 c)”⁴⁷.

A mesma metafísica nos oferece na “analogia transcendental do ser o critério metodológico para formular as proposições acerca da realidade toda, ali compreendido o Absoluto. É difícil – sustenta o Papa – supervalorizar a importância metodológica desta descoberta para a pesquisa filosófica, como, de resto, também para a consciência humana em geral”⁴⁸.

Depois desta sintética e profunda caracterização da filosofia do Aquinate, João Paulo II conclui que “é supérfluo sublinhar o quanto deve a esta filosofia a teologia mesma, não sendo nada mais que *fides quaerens intellectum* ou *intellectus fidei*. Nem mesmo a teologia, portanto, poderá renunciar à filosofia de Santo Tomás”⁴⁹.

É sabido que a necessidade de usar uma filosofia adequada como instrumento para o aprofundamento teológico da revelação já era objeto de interesse e de estudo do Papa, particularmente no campo da moral, antes da eleição à cátedra de Pedro. Em uma das suas visitas às paróquias da Urbe, a mesma convicção o levava a afirmar, dirigindo-se a sacerdotes e religiosos, que “muitos naufrágios na fé e na vida consagrada, passados e recentes, e muitas situações atuais de angústia e de perplexidade têm na origem uma crise de natureza filosófica. É necessário cuidar com extrema seriedade da própria formação cultural. O Concílio Vaticano II insistiu sobre a necessidade de conservar sempre Santo Tomás de Aquino como mestre e doutor, porque somente à luz ou sobre a base da “filosofia perene” se pode fundar o edifício assim lógico e exigente da Doutrina cristã”⁵⁰.

⁴⁶ *Ibid.*, pp. 1184 e 1185.

⁴⁷ Cfr. *Ibid.*, p. 1185.

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ *Ibid.*

⁵⁰ *Discurso*, 28 de outubro de 1979. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, II, 2 (1979), pp. 995 e 996.

4. ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA E CRISTOLOGIA.

Próprio do conhecimento intelectual de quem dedicou muitos anos e numerosas publicações a temas de antropologia e ética, em diversos discursos João Paulo II indica um outro importante motivo para a atualidade de Santo Tomás: “o seu altíssimo senso do homem, *tam nobilis creatura* (*Contra Gentiles*, IV, 1, n. 3337)”⁵¹. O Papa se compraz em referir diversas expressões felizes do Aquinate, que revelam a sua concepção do homem: a pessoa é dita “*perfectissimum in tota natura*”⁵²; o homem é comparado ao “mar”, enquanto recolhe, unifica e eleva em si todo o mundo infra-humano, como o mar recolhe todas as águas dos rios que para ali se dirigem”⁵³; ou o homem é definido ainda “como o horizonte do criado, no qual se conjugam o céu e a terra; como vínculo do tempo e da eternidade; como síntese do criado”⁵⁴.

Como que resumindo, João Paulo II explica: “O seu vivíssimo senso do homem não é nunca diminuído em todas as suas obras. Nos últimos tempos de sua vida, iniciando o tratado da Encarnação na Terceira Parte da *Summa Theologiae*, inspirando-se sempre em Santo Agostinho, afirma que somente assumindo a natureza humana o Verbo podia mostrar *quanta sit dignitas humanae naturae ne eam inquinemus peccando* (*S. Th.*, III, q. 1, a. 2). E logo depois acrescenta: encarnando-Se e assumindo a natureza humana Deus pôde demonstrar *quam excelsum locum inter creaturas habeat humana natura* (*Ibid.*)”⁵⁵.

Já nestas palavras é claramente sugerida a estreita relação entre a Cristologia e a visão filosófica do homem própria de Santo Tomás. Tendo em conta a afirmação da Constituição *Gaudium et Spes*, n. 22, segundo a qual somente Cristo “revela plenamente o homem ao homem”, João Paulo II se pergunta: “Não é talvez a Cristologia o fundamento e a primeira condição para a elaboração de uma antropologia mais completa, segundo as exigências de nossos tempos?”⁵⁶. Esta é a razão da particular profundidade do Aquinate em sua doutrina sobre o homem. O Papa afirma: “A antropologia tomista encontra o seu cume e a sua inspiração teológica de fundo no tratado sobre a Humanidade de Cristo. A análise e a interpretação deste sublime mistério de salvação levaram o Doutor Angélico a refinar e a aprofundar admirável e insuperavelmente as noções de sua antropologia, que vieram assim a prestar

⁵¹ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 612.

⁵² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh.* I, q. 29, a. 3.

⁵³ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 612.

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ *Ibid.*, pp. 612 e 613.

⁵⁶ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 24.

um extraordinário serviço também no campo puramente racional da ordem humana e natural”⁵⁷.

Obviamente, existe também uma relação estreita no outro sentido, já que a antropologia filosófica de Santo Tomás é um “refinado instrumento de pesquisa”, que “pode se revelar também hoje utilíssimo ao propor os contornos válidos de uma autêntica Cristologia, criticando-lhe as deformações”⁵⁸. Sem dúvida, as circunstâncias atuais da Teologia tornam desejável tal estudo antropológico.

Descendo a um plano mais concreto, João Paulo II ressalta como o Doutor Angélico iluminou, com a ajuda da própria especulação cristológica, diversos problemas concernentes ao homem: “a sua natureza criada à imagem e semelhança de Deus, a sua personalidade digna de respeito desde o primeiro instante da concepção, o destino sobrenatural do homem na visão beatífica de Deus Uno e Trino”⁵⁹.

Ao expor sinteticamente a antropologia de Santo Tomás, o Papa distingue dois aspectos: “a doutrina da natureza humana como ‘unidade de alma e corpo’ explica, no Doutor Comum, a inteligibilidade do ser humano e de sua história”, enquanto “a doutrina da pessoa nos orienta de modo especial do ponto de vista ético para aquilo que é o caminho concreto do homem no plano da criação e da salvação cristã”⁶⁰. Não se trata de aspectos independentes. Pelo contrário, “a antropologia de Santo Tomás – afirma João Paulo II – une sempre estreitamente a consideração da ‘natureza’ e a da ‘pessoa’, de modo tal que a natureza fundamenta os valores objetivos da pessoa e esta dá um significado de concretude aos valores universais da natureza”⁶¹.

No que diz respeito à pessoa, o Papa louva a filosofia do homem de Santo Tomás, porque exprime, “sobre a base da experiência e, sobretudo, dos ensinamentos da Revelação, uma destacada sensibilidade – tão cara aos modernos – à condição concreta, histórica, da pessoa humana, à sua – diríamos hoje – “situação existencial” de criatura ferida pelo pecado e redimida pelo Sangue de Cristo; à originalidade e dignidade da pessoa singular (individual); ao seu aspecto dinâmico e moral; à ‘fenomenologia’, em suma – diríamos ainda com um vocábulo do nosso tempo – da existência humana”⁶².

⁵⁷ *Discurso*, 4 de janeiro de 1986. Cit., p. 24.

⁵⁸ *Ibid.*

⁵⁹ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1187.

⁶⁰ *Discurso*, 4 de janeiro de 1986. Cit., pp. 22 e 23.

⁶¹ *Ibid.*, p. 23.

⁶² *Ibid.*, p. 22.

Segundo João Paulo II, a estima do Doutor Angélico pela realidade pessoal é radicada na sua metafísica, na qual “a máxima perfeição é dada pelo ser compreendido como “ato de ser” (*esse ut actus*). Ora, a pessoa, ainda mais do que pela “natureza” e pela “essência”, mediante o ato de ser que a faz subsistir, se ergue exatamente ao vértice da perfeição do ser e da realidade e, portanto, do bem e do valor”⁶³.

Como veremos, o Santo Padre deixa espaço à fenomenologia da existência humana, mas como caminho para a visão metafísica do homem. No ano de 1980, uma Carta do Cardeal Secretário de Estado assim expressava o pensamento do pontífice: “A primeira palavra sobre o homem é oferecida pela ciência – a fenomenologia antropológica precede a antropologia filosófica – como concreto ponto de partida, mas a última palavra continua reservada à metafísica, a qual, enquanto recebe das disciplinas científicas um mais depurado dado de base, oferece a elas um enquadramento sintético e integrador, abrindo-lhe à perspectiva dos valores e dos fins”⁶⁴.

Na doutrina do Aquinate, João Paulo II encontra “uma definição precisa e sempre válida do que consiste a substancial grandeza do homem: *Ipse est sibi providens* (*Contra Gentiles* III, 81). O homem é padrão de si mesmo, pode prover a si e projetar o próprio destino”⁶⁵. A escolha desta visão da pessoa como ser livre revela também neste caso uma sensibilidade do Santo Padre pelos problemas atuais entre os quais se destaca aquele do sentido da liberdade. Talvez exatamente para resolver os paradoxos da liberdade na cultura contemporânea, João Paulo II acrescenta que, considerado em si mesmo, o fato de ser padrão de si “não decide ainda a grandeza do homem e não garante a plenitude de sua auto-realização pessoal. Decisivo é somente o fato de que o homem se submeta no seu agir à verdade, que ele não determina, mas apenas descobre na natureza, concedida a ele juntamente com o ser” (...). “O Concílio Vaticano II, qualificando esta auto-providência do homem *sub ratione veri* com o nome de ministério real (*munus regale*), atinge em sua profundidade esta intuição”⁶⁶.

Quanto à natureza do homem, João Paulo II afirma que a mesma exigência, viva hoje na cultura e reforçada pelo ensinamento bíblico, “de evitar uma antropologia ‘dualista’, como a de opor, de modo quase hostil, a alma ao corpo” era já compreendida por Santo Tomás e fez com que ele “tenha deixado de lado em sua antropologia metafísica (e também teológica) a

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ Mensagem, 5 de setembro de 1980. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. III, 2 (1980), p. 544.

⁶⁵ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1187.

⁶⁶ *Ibid.*

concessão filosófica de Platão sobre a relação entre a alma e o corpo e se tenha aproximado da concepção de Aristóteles”⁶⁷.

O Santo Padre recorda que o Doutor Angélico, de acordo com os então recentes ensinamentos do Concílio de Latrão IV, que haviam apresentado a natureza humana “*quasi communem ex spiritu et corpore constitutam*”⁶⁸, ensina a “distinção real e essencial entre alma e corpo”, mas ao mesmo tempo sustenta que “um só é o seu ser: *Unum esse substantiae intellectualis et materiae corporalis* (Contra Gentiles, II, c. 68). *Unum esse formae et materiae*, onde a alma é “forma” e o corpo “matéria” (*Ibid.*)”⁶⁹. Com a sua doutrina da alma espiritual como “forma substancial” do corpo, Santo Tomás “soluciona o árduo problema de uma relação que salvasse por um lado a distinção dos componentes essenciais e, por outro, a unidade do ser pessoal do homem”⁷⁰. Esta doutrina é repetida no Concílio Ecumênico de Vienne e no de Latrão V, “para permanecer em seguida como patrimônio da fé católica”⁷¹. De fato, o Papa recorda que “a doutrina antropológica como ‘unidade de alma e de corpo’ foi retomada pelo Concílio Vaticano II, o qual pôde por isso achar no pensamento do Doutor Angélico um intérprete particularmente apropriado”⁷².

Para completar a presente sintética exposição da antropologia tomista, acrescentemos que nela o Papa vê satisfeita a exigência de “dar fundamento e justificação aos mais altos valores da pessoa – hoje assim freqüentemente invocados –, tais como os valores da consciência moral, dos direitos inalienáveis, da justiça, da liberdade e da paz: em suma, tudo aquilo que concorre para aclarar o verdadeiro bem do homem redimido por Cristo para que reconquistasse a dignidade perdida e alcançasse a condição de filho de Deus”⁷³.

5. O CAMINHO AINDA A PERCORRER.

Santo Tomás “indicou uma via que pode e deve ser levada adiante e atualizada, sem lhe trair o espírito e os princípios de fundo, mas também levando em conta as conquistas científicas modernas”⁷⁴. Estas breves reflexões procuraram recapitular a orientação geral proposta por João Paulo II para

⁶⁷ *Discurso*, 4 de janeiro de 1986. Cit., p. 21.

⁶⁸ DS 800.

⁶⁹ *Discurso*, 4 de janeiro de 1986. Cit., p. 21.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 22.

⁷¹ *Ibid.*

⁷² *Ibid.*

⁷³ *Ibid.*, p. 23.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 23.

progredir hoje no estudo da filosofia e da teologia na estrada aberta por Santo Tomás.

O impulso dado pelo Papa me traz à memória – com reconhecimento filial – o pedido que o Servo de Deus Monsenhor Escrivá⁷⁵ dirigia a seus filhos no *Opus Dei*: de seguir fielmente, sem por isso formar uma escola filosófica ou teológica peculiar, as indicações da Igreja sobre Santo Tomás no estudo e no ensinamento. Em concreto, ele insistia sobre necessidade de “cultivar a doutrina do Doutor Angélico, do mesmo modo que ele a cultivaria hoje se estivesse vivo”⁷⁶.

O Romano Pontífice convida a manter “o olhar atento aos sinais dos tempos, às exigências de maior organicidade e penetração, segundo as diretivas do Vaticano II (cfr. *Optatam totius*, n. 16; *Gravissimum educationis*, n. 10) e às correntes de pensamento do mundo contemporâneo”⁷⁷. Poder-se-á, assim, colher e conservar a alma “universal e perene do pensamento tomista e fazê-la reviver hoje em diálogo e em um confronto construtivo com as culturas contemporâneas, assim delas podendo assumir os valores, refutando os erros”⁷⁸. O mesmo direcionamento é indicado de modo particular para aquilo que diz respeito à dignidade do ser humano; sobre o tema, Santo Tomás disse o essencial, mas “fica ainda muito a indagar neste campo, com a ajuda das próprias reflexões oferecidas pelas correntes filosóficas contemporâneas”⁷⁹.

Obviamente, trata-se de um trabalho que requer um estudo desenvolvido de modo sério e sereno, que distinga bem o nível da pesquisa daquele do ensinamento, mesmo com relação aos diversos graus deste último. O Papa, de fato, recorda que “o decreto sobre a formação sacerdotal *Optatam totius*, antes de falar da necessidade de levar em conta o ensinamento das correntes filosóficas modernas, especialmente “daquelas que exercem maior influxo na própria nação”, exige que “as disciplinas filosóficas sejam ensinadas de modo que os alunos sejam antes de tudo levados à aquisição de um sólido e harmônico conhecimento do homem, do mundo e de Deus, baseando-se sobre o patrimônio filosófico perenemente válido” (cfr. n.º 15)”⁸⁰. Por outro lado, o Santo Padre propõe estabelecer uma relação de colaboração entre a filosofia e a ciência: “O verdadeiro progresso da ciência não pode nunca contradizer a filosofia, como a filosofia não pode nunca contradizer a fé (...). A

⁷⁵ N. do T. São Josemaria Escrivá, comemorado em 26 de junho, foi beatificado em 17 de maio de 1992 e canonizado em 06 de outubro de 2002 pelo Papa João Paulo II.

⁷⁶ ESCRIVÁ, J. *Carta*, 9 de janeiro de 1951, n. 22.

⁷⁷ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., p. 613.

⁷⁸ *Discurso*, 4 de janeiro de 1986. Cit., p. 23 e 24.

⁷⁹ *Discurso*, 17 de novembro de 1979. Cit., p. 1184.

⁸⁰ *Ibid.*, pp. 1182 e 1183.



luz não pode ser obscurecida, mas só potencializada pela luz. A ciência e a filosofia podem e devem mutuamente colaborar para que uma e outra permaneçam fiéis ao próprio método. A filosofia pode iluminar a ciência e liberá-la de seus limites, assim como, por sua vez, a ciência pode projetar nova luz sobre a filosofia mesma e abrir-lhe novos caminhos”⁸¹.

Gostaria de concluir com as palavras de encorajamento pronunciadas por João Paulo II por ocasião do encerramento do Congresso Tomista Internacional de dez anos atrás: “Exorto-vos – ele dizia – a continuar, com grande empenho e seriedade, a realizar as finalidades da vossa Academia; que seja um centro vivo, pulsante, moderno, no qual o método e a doutrina do Aquinate sejam postos em contínuo contato e em sereno diálogo com os complexos fermentos da cultura contemporânea, na qual vivemos e estamos imersos”⁸².

⁸¹ *Discurso*, 13 de setembro de 1980. Cit., pp. 613 e 614.

⁸² *Ibid.*, pp. 615.